

M. P. L. A.

MANUAL

DE

ALFABETIZAÇÃO

II-parte

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO

DE ANGOLA

## o PATO DO MATO E O PATO DO RIO



O pato do mato e o pato do rio eram amigos Faziam criação juntos.

O pato do mato foi passear para o mato e o do rio foi para o rio.

Um pássaro encontrou os ovos do pato do mato e pôs-lhes barro em cima. O pato do mato voltou, encontrou os ovos tapados e o pato do rio voltou e encontrou os ovos bons. O pato do mato zangou-se com o do rio:

-És meu amigo e tapaste-me os ovos?

O pato do rio negou.

O pato do mato subiu a uma árvore para descobrir quem lhe fazia a partida nos seus ovos. O pato do rio estava



também a espiar e viu um pássaro a ir tapar os seus ovos.

Apanhou-o e foi levá-lo ao puto do mato:

- Aqui está quem te fez a partida. Foste zaragata comigo sem razão...

O puto do mato matou o pássaro. Cada puto ficou a chocar os seus ovos, tiraram criação e cada um foi para seu lado com os filhos, nunca mais sendo amigos.

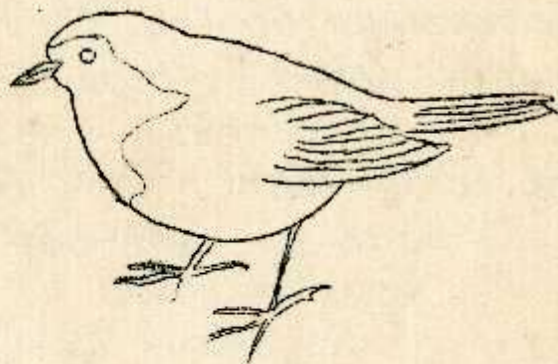


## O PEITO-CELESTE E A VESPA

O filho da vespa adoeceu. A vespa foi com ele ao doutor, que lhe disse:

- Procura uma pena do peito-celeste.

Peito-celeste deu-lhe uma das suas penas. O filho da vespa foi tratado e curou.



Adoeceu, pouco tempo depois, o filho do peito-celeste. O doutor viu-o e disse:

- Procura uma azinha da vespa. Quando o peito-celeste foi fazer o pedido à vespa, esta respondeu:



- Só tenho duas asas. Se te der uma, não tenho com que voar e os meus filhos morrerão de fome.

O filho do peito-ce-

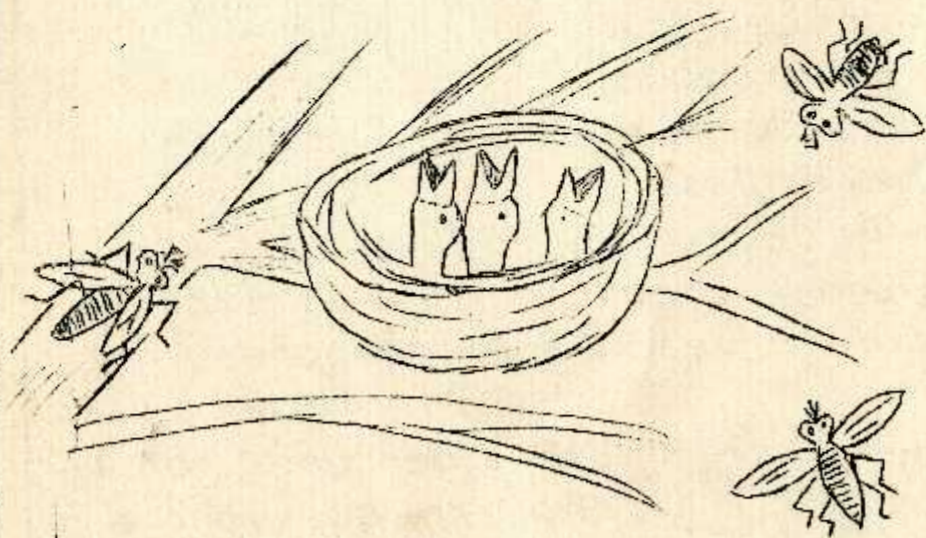


este morreu. O peito-celeste disse então:

- O meu filho morreu. Agora acabou a minha amizade com a vespa. Mas a vespa veio e propôs:

- Fiquemos amigos! Nós, vespas, nos pomos ao teu serviço. Quando tiveres posto os teus ovos, nós vimos construir o nosso ninho lá perto, para tomar conta dos teus filhos.

O peito-celeste aceitou.



Assim vemos agora que as vespas ficam sempre ao pé do ninho do peito-celeste.



## O COELHO, O HIPOPOTAMO E O ELEFANTE

Entre um rio e uma mata vivia um pequeno coelho que resolveu um dia mostrar do que era capaz.

Foi à beira do rio e encontrou um hipopótamo com quem travou conversa. A certa altura disse-lhe:

- Eu sou tão forte como tu e sou capaz de te arrastar.

O hipopótamo desatou a rir.

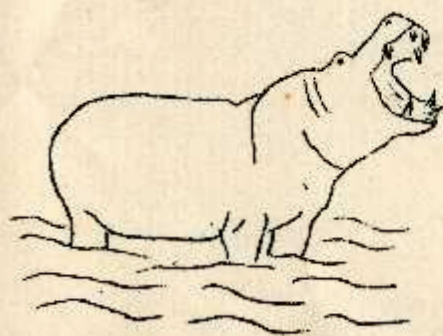
- Um dia destes venho dar-te a prova, disse o coelho.

Meteu-se o coelho, em seguida, na mata e foi encontrar um elefante

com quem  
teve uma

conversa igual e a quem prometeu também vir em breve mostrar que era verdade o que dizia.

Passados dias apresen-





lhou-se o coelho com uma corda muito grande junto do hipopótamo e disse-lhe:

- Venho-te mostrar a minha força. Deixa-me atar esta corda na tua perna para poder puxar melhor.

O hipopótamo deixou e o coelho embrenhou-se na mata e foi atar a outra ponta da corda na perna do elefante.

- Puxa! gritou o coelho, e os dois começaram a puxar, mas nenhum cedeu terreno.

Então o coelho foi junto do hipopótamo e do elefante, um por cada vez, e eles reconheceram ambos a força do coelho que, afinal, só tinha estado a meio a ver para que lado ia a corda.





## O CÃO E A TOUPEIRA

Nos tempos que já lá vão a toupeira e o cão eram bons amigos. Um dia combinaram fazer uma lavoura em conjunto. Semearam milho, genguba, mandioca e batata doce.

As plantas cresceram bem e havia por isso comida em abundância. Mas a toupeira, que é muito invejosa e gluttona, quiz comer tudo sôzinha.

Ao meio-dia tinham o almoço pronto. A toupeira propôs que fossem ao rio tomar banho antes de comer.

Enquanto o cão estava distraído a nadar, a toupeira, no fundo do rio, cavava rapidamente um buraco até ao acampamento. Comeu todo o almoço, meteu-se de novo no buraco que tapou com uma pedra, e voltou de novo ao rio.

-Entretanto o cão estava inquieto





com o desaparecimento da toupeira.  
Chegou mesmo a pensar que ela tinha  
sido engolida por um jacaré, quando  
ela chegou ofegante, explicando:

- Desculpa-me irmão, mas fui arras-  
tada pela corrente e como não sei  
nadar foi com grande sacrifício que  
consegui chegar até aqui.

O cão acreditou. Voltaram para ca-  
sa e grande foi o espanto do cão ao  
notar que alguém tinha comido o al-  
moço todo.

No dia seguinte passou-se a mes-  
ma coisa e esta cena  
repetiu-se duran-  
te toda uma se-  
mana.





O cão estava intrigado.

Reparou então que, enquanto ele emagrecia, a toupeira estava cada vez mais gorda, e decidiu desvendar o mistério.

O cão e a toupeira cozinharão mais uma vez. Foram depois para o rio, mergulharam, mas o cão correu logo para o acampamento com uma catana, e ficou à espera do ladrão. Misto vê uma pedra mexer-se, vê aparecer um buraco e uma mão a sair do buraco.

O cão deu um salto e cortou a mão do ladrão. A seguir voltou depressa do onde apareceu pouco depois a toupeira toda ensanguentada e dizendo que tinha sido atacada por um jacaré.

Quando voltaram a casa a comida estava lá toda.

-Oh!, disse o cão, está ali uma mão! Não será a tua, amiga toupeira?

A toupeira envergonhada teve que confessar toda a verdade, mas o cão até hoje nunca lhe perdoou esta partida e procura sempre vingá-la.



## A GALINHA E OS PINTOS

Ao anoitecer, quando começa a fazer frio, os pintainhos, com a sua vozinha fraca, pedem à mãe-galinha:

- Mãe, deixa-nos abrigar debaixo das tuas asas. Prometemos que ama-



nhã te daremos as melhores minhocas e os melhores grãos que encontrarmos.

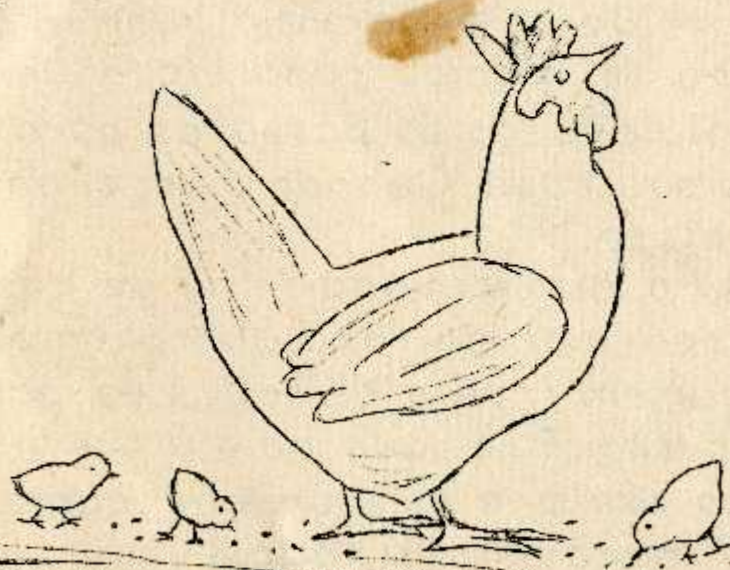
A mãe-galinha não precisa de ouvir estas promessas para abrigar os seus filhinhos.

Mas no dia seguinte já os pintainhos



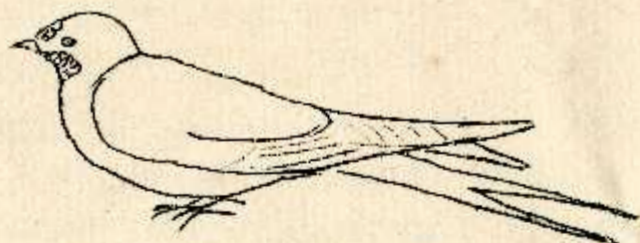
se esqueceram de que disseram na noite anterior e cada grão é daquele que o apanhar. A mãe não dão nada.

A pobre mãe, porém, não deixa de os abrigar todas as noites e de os ajudar até a encontrar a melhor comida, até que já estejam grandes e possam viver sòzinhos.



Esta história mostra que as nossas mães nos amam mais do que nós as amamos.





## O CORVO E O ROUXINÔL

A Dona Andorinha tinha uma filha muito linda, que estava em idade de casar. A Dona Andorinha andava à procura de marido para ela e um dia pediu a todos os pássaros para irem a sua casa. Quando chegaram todos, disse:

- Quero que a minha filha se case mas o seu marido terá que prometer aqui em frente de todos os pássaros o seguinte: que no dia do meu enterro cantará melhor que qualquer outro e maravilhará todos.

Embora a menina Andorinha fosse muito bonita e todos golassem muito dela, ninguém queria fazer essa promessa.

Mas eis que se levanta um passaro



toda de preto. Era o Senhor Corvo que declarou aceitar a proposta, o que espantou imenso os outros pássaros, pois todos sabiam que o Corvo cantava muito mal.

Mas o Corvo repetiu a promessa perante todas aquelas testemunhas e a Dona Andorinha teve que dar a sua linda filha em casamento ao feio Senhor Corvo.



Passado algum tempo, a Dona Andorinha morreu. O Corvo ficou todo atrapalhado sem saber o que fazer.



Mas tanto pensou que encontrou um es-  
tratagem. Foi ter com o lindo Rou-  
xinol e propôs-lhe o seguinte:

- Meu querido irmão, como deves sa-  
ber encontro-me numa situação difí-  
cil e só tu me podes ajudar. Se te es-  
canderes debaixo da minha asa, pode-  
rás cantar em meu lugar, enquanto eu  
só abro e fecho o bico. Em contrapar-  
tida dar-te-ei a melhor comida que es-  
tiver na mesa.

O Rouxinol teve pena e aceitou.

No dia do enterro todos os pássa-  
ros se admiraram com o canto mara-  
vilhoso que ouviram e que julgaram  
ter sido cantado pelo Corvo.

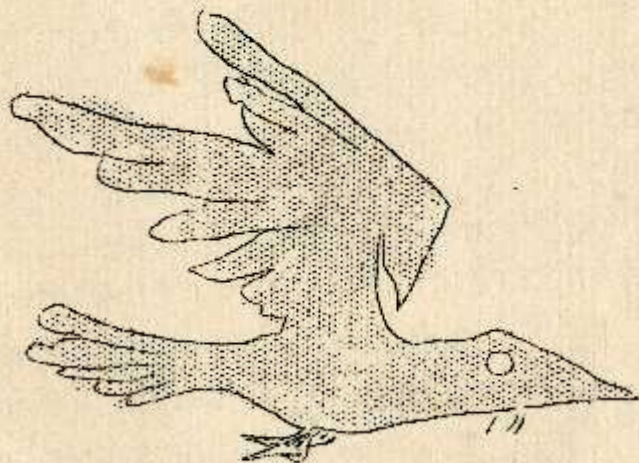
Quando chegou a hora da comida,  
o Corvo, que é muito guloso, só co-  
mia e não dava nada ao Rouxinol.



O Rouxinol ficou muito aborrecido e escapou-se das asas do Corvo.

Os pássaros perceberam então tudo o que se tinha passado. Foi um grande escândalo.

O Corvo envergonhado foi obrigado a ir-se embora.



A bela Andorinha declarou que não queria mais um marido tão mentiroso e casou com o Rouxinol.



## O CÃO E O RATO

Um dia o rato aproximou-se do cão e disse-lhe comovidamente:

-Tenho muita pena de ti por teres

sempre as nari-  
nas molha-  
das. Opa,

sabes? Eu tam-

bém era assim, mas curei-me. O re-  
médio é simples: fazes

uma grande fogueira

e aqueces lá bem o

nariz. É muito simples.

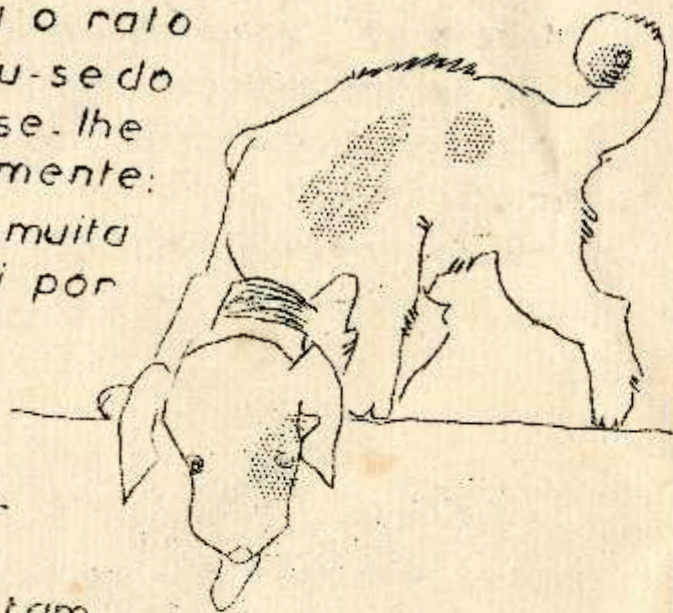
O cão acreditou e

todo contente

juntou lenha e

fez uma grande

fogueira.



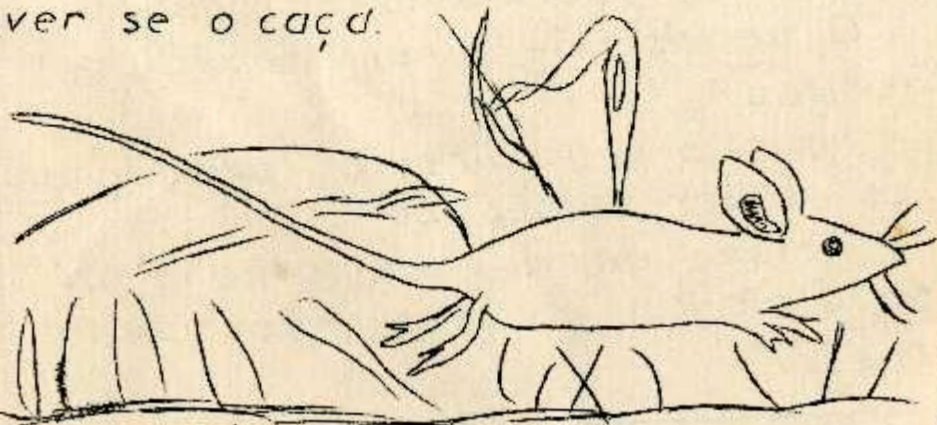
Então o rato disse de novo:

- Fica aí a aquecer o nariz. Não te afastes, nem mesmo quando estiver muito quente. Eu tenho que ir dar agora uma volta e tu ficas aqui junto da fogueira até eu voltar.

O cão esperou, esperou, cheio de calor mas o rato já estava longe rindo às gargalhadas.

Quando a lenha se transformou em cinza e a fogueira se apagou o cão compreendeu que tinha sido enganado e cheio de raiva jurou ódio eterno ao rato.

É por isso que o cão logo que vê um rato corre logo atrás dele a ver se o caça.





## A ONÇA E O VEADO

Chegou a época das chuvas. A onça e o veado compraram milho para semear nas suas lavras. Mas como todos sabem, a onça é muito invejosa e só quer o mal dos outros. Por isso chegou-se um dia junto do veado e disse-lhe:

- Sobrinho, as chuvas deste ano estão muito fracas. Para o nosso milho crescer só nos resta uma possibilidade: torrá-lo antes de semear. Deves começar já agora, porque eu vou fazer o mesmo na minha lavoura. Ah não, espera, se quizeres eu posso ajudar-te a torrar o milho! Tu sabes que sou muito teu amigo!

O veado, que é muito crédulo, aceitou.

Todo o seu milho foi torrado antes de ser semeado.

É claro que a espartilhona da onça plantou os seus grãos ainda frescos.

Passados dias, o milho da onça começou a nascer, enquanto que tudo se mantinha na mesma na lavra do veado.

A onça disse ao veado que era preciso ter calma, porque o seu terreno era um pouco mau, mas o milho acabaria por germinar.

Um mês mais tarde já o milho da onça tinha bandeiras. O veado desgostoso foi contar aos seus amigos macaco e coelho tudo o que tinha acontecido.



Dois grandes espertalhões, o macaco e o coelho pensaram logo numa maneira de castigar a onça.



Os amigos resolveram esperar que as espigas de milho da onça estivessem prontas para a colheita.

Organizaram então uma grande festa com danças e batuque, porque sabiam que as onças são perdidas pela dança.



O sapo ficou com o batuque, a cigarra e o grilo eram os cantores, os coelhos exibiam passos de dança e o macaco era o maestro.

A onça e a sua família dançaram toda a noite sem parar.

Ao segundo dia a onça - que continuava a bailar - enviou um seu filho colher o milho. Ele afastou-se, mas a certa altura, atraído pela





música voltou à batucada. Ao terceiro dia, a onça mandou outro filho colher as espigas, mas com este aconteceu o mesmo que com o primeiro.

Todo este tempo passou o veado na lavra da onça a apanhar todas as massarocas. Ao fim do terceiro dia tinha colhido tudo e fez saber aos seus amigos que podiam acabar com a festa.

A onça, toda cansada, voltou então para casa.

Quando viu que não restava nem um bago de milho na sua lavra, foi chorar amargamente para casa do veado, nunca pensando que este podia ser o autor da partida.

O veado, fingiu-se muito triste, e disse-lhe a choramingar:

- Que pena, e eu que confiava tanto no milho da tia para sustentar a sua família e a minha! Que desgraça!

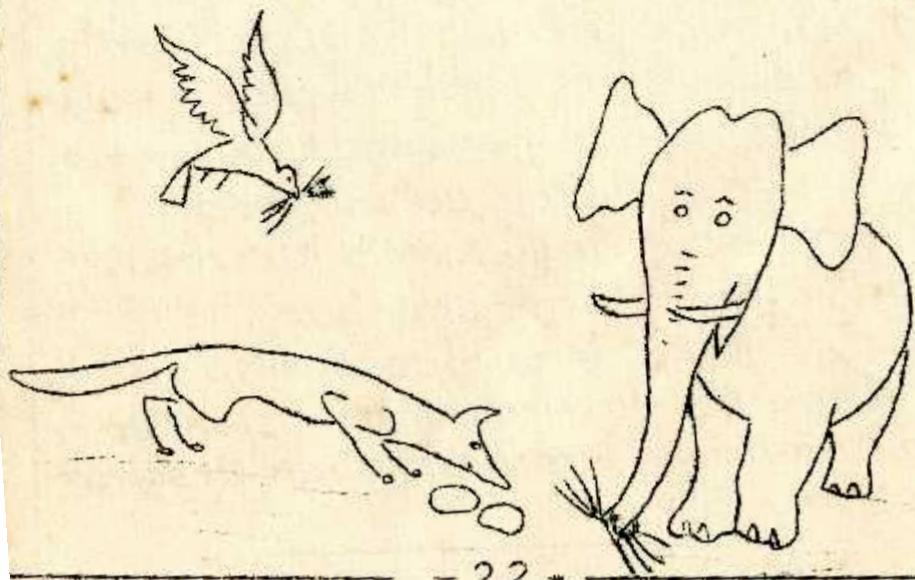


## A UNIÃO FAZ A FORÇA

O elefante trombudo semeava o terror na aldeia dos animais.

Por ser o maior dos animais fazia tudo o que lhe apetezia, sem que alguém pudesse esboçar a mínima resistência.

Por exemplo, quando havia uma festa na aldeia e todos os animais punham os seus melhores fatos, o elefante, que não suportava ver os outros divertidos, aparecia com a tromba cheia de água e purrha-os



todos em fuga.

O elefante não trabalhava. Os animais da aldeia é que tinham que trabalhar para ele. O elefante comia muito, mais do que qualquer outro animal e por isso os outros sacrificavam-se imenso para o poderem alimentar. Se alguém se negasse a trabalhar para ele, o elefante dava logo uma trombada que tirava a qualquer animal a vontade de protestar.

Uma onda de revolta espalhou-se pela aldeia. Cochichava-se nos cantos, mas ninguém se sentia com coragem para fazer o que quer que fosse.

Até que um dia o macaco e o coelho pediram uma reunião de todos os animais, enquanto o elefante tinha ido aterrorizar outra aldeia.

O macaco tomou a palavra para explicar:



- Nenhum de nós, sozinho, pode lutar contra o elefante. Quer isto dizer que devemos aceitar a exploração e a humilhação? Quer isto dizer que devemos ficar de braços cruzados enquanto outros nos maltratam? Não, isso nunca!

- Então como vencer o elefante? perguntaram todos em coro.

O macaco retomou a palavra:

- Se todos estivermos unidos, se nós conjungarmos os nossos esforços e coordenarmos as nossas actividades, poderemos derrotar o elefante.

Todos os animais viram que o macaco tinha razão. Entusiasmadíssimos, estabeleceram um plano de acção.

No fim da reunião o coelho disse:

- Agora é preciso pôr o plano em execução. Um plano, por melhor que seja, se não fôr executado, não serve para nada. Mãos à obra, pois!

Todos começaram a trabalhar como estava previsto. Cada um fazia o



melhor que podia de acordo com as suas possibilidades a toupeira e a ratzana cavavam um grande buraco; o cavalo e o boi transportavam paus compridos; o coelho, com os seus dentes afiados, aguçava os paus que em seguida eram colocados verticalmente no fundo do buraco pelo porco. Por fim a aranha cobriu bem o buraco com a sua teia.

Nisto chega o elefante. O macaco, de cima das árvores, fazia-lhe caretas para o provocar. O elefante elevava a tromba para apanhar o macaco, mas este saltava de árvore em árvore, aproximando-se sempre do sítio em que estava a armadilha.

O elefante, furioso, nem sequer reparava por onde passava, até que caiu na armadilha e os paus aguçados espetaram-se-lhe na barriga.

Assim a sanzala ficou dum vez para sempre livre do opressor e daí em diante reinou lá paz e harmonia.



Edição do Serviço Escolar do MPLA  
1967